

Prezada Reitora, Profa Martha Adaime, nossa primeira mulher no maior cargo da UFSM, após mais de 60 anos de história. Paula pró-reitora adjunta da Progep, Prof William, minha dupla na gestão por um CCS do século XXI, coordenadores(as) de curso de graduação e pós-graduação, chefes de departamentos, chefes de subunidades, técnicos administrativos em educação, estudantes, docentes e pessoal terceirizado. Bom dia!

Hoje, 09/07/2026, assumirmos novamente a direção do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria.

Isso representa, para nós, a renovação de um compromisso coletivo.

Um compromisso com a universidade pública.

Com o SUS.

Com a ciência.

Com a formação em saúde.

E, principalmente, com as pessoas que fazem deste Centro um espaço vivo de produção de conhecimento, cuidado, trabalho e esperança.

Recebemos este novo mandato com profunda responsabilidade e humildade, reconhecendo que tudo que construímos até aqui, e tudo o que ainda construiremos, foi e será fruto do trabalho coletivo e da dedicação de muitas pessoas.

Temos profundo reconhecimento pelas muitas mãos que tornaram essa construção possível. nossas(os) servidoras e servidores docentes e técnicos-administrativos, nossas coordenações de curso, nossos departamentos, nossos programas de pós-graduação, nossos estudantes, nossos trabalhadores terceirizados, nossas equipes de apoio, nossas residentes, e todas as pessoas que nos ajudaram a construir, nos últimos anos, uma experiência de gestão com diálogo e a confiança.

Nenhuma transformação acontece de forma individual. E essa é uma das lutas mais importantes que marca a gestão 2022-2026.

Aprendemos — e reafirmamos cotidianamente — que um centro do tamanho, da complexidade, da diversidade e da potência do CCS jamais pode ser conduzido a partir de decisões isoladas, centralizadas ou distantes da comunidade.

Por isso, mais do que implementar ações administrativas, buscamos construir uma cultura institucional.

Uma cultura de participação.
De transparência.
De corresponsabilidade.
De escuta.
De construção coletiva.

E isso não aconteceu em um discurso.
Aconteceu nas práticas concretas que fomos capazes de instituir. Alguns exemplos demonstram isso

Aprovamos e implementamos a reestruturação administrativa do CCS.

Construímos critérios transparentes para a distribuição de vagas docentes, enfrentando um tema historicamente sensível, com diálogo, objetividade e responsabilidade institucional.

Implementamos uma lógica de orçamento transparente e de descentralização orçamentária, permitindo que departamentos e cursos participem mais diretamente das definições sobre prioridades e investimentos.

Levamos ao Conselho do Centro as decisões relativas aos recursos de material permanente, fortalecendo a ideia de que os recursos públicos precisam ser discutidos coletivamente, de forma democrática e republicana.

Instituímos, pela primeira vez desde 1986, a portaria normativa com critérios objetivos para a distribuição das bolsas de monitoria.
À primeira vista pode parecer apenas um ato administrativo. No entanto, representa algo muito maior: o reconhecimento de que instituições mais justas precisam de regras construídas coletivamente, pactuadas e transparentes.

Criamos a Comissão de Inovação do CCS, aproximando o Centro das discussões contemporâneas sobre ciência, tecnologia e desenvolvimento.

Estruturamos uma Comissão Descentralizada de Internacionalização e oferecemos disciplina de inglês com o tema saúde, compreendendo que internacionalizar não pode ser privilégio de poucos, mas uma oportunidade coletiva de ampliar horizontes acadêmicos, científicos e humanos.

Realizamos duas Conferências Democráticas do CCS — espaços inéditos de debate amplo sobre o presente e o futuro do nosso Centro. Aqui reside algo muito importante porque acreditamos que planejar institucionalmente não é tarefa de gabinete. É tarefa de comunidade.

Implementamos os Fóruns de Integração do CCS que acontecem durante a JAI, criando espaços de encontro entre cursos, áreas e sujeitos que muitas vezes trabalham lado a lado, mas ainda pouco se conheciam em suas potencialidades.

Mantivemos encontros sistemáticos com as coordenações de curso, não apenas para resolver problemas imediatos, mas para construir decisões integradas e fortalecer a ideia de projeto coletivo.

Participamos ativamente construir da construção da Política de Comunicação Compassiva e da Cultura da Paz da nossa UFSM, com exemplos de práticas desenvolvidas no nosso centro.

Constituímos um espaço permanente de diálogo com os Diretórios Acadêmicos, reconhecendo que estudantes não são destinatários passivos das decisões institucionais: são sujeitos fundamentais da universidade.

E criamos também os cafés mensais com a equipe da direção, porque também acreditamos que gestão se faz nos pequenos espaços de convivência, escuta e vínculo humano.

Motivamos a implantação do Centro de Especialidades Odontológicas (CEO), participando das reuniões com o Conselho Municipal de Saúde e com a Comissão Intergestora Regional do SUS.

Instalamos a sala de videoconferência, com a qualidade e beleza que nosso centro merece, a qual permite conexões externas, facilitando a aproximação com parcerias nacionais e internacionais.

Nada disso foi construído sem divergências.
E ainda bem.

Instituições democráticas não se fortalecem pela ausência de conflito, mas pela capacidade de promover diálogo, construir acordos e preservar o respeito mesmo diante das diferenças.

O que conseguimos construir, ao longo destes anos, foi justamente isso: uma nova cultura institucional no CCS.

Uma cultura em que as pessoas passaram a participar mais.

A acessar mais informações.

A discutir prioridades.

A compreender melhor os processos.

E sobretudo a se reconhecer como parte das decisões.

E isso tem um valor imenso.

Porque universidades públicas fortes não se sustentam apenas em prédios, equipamentos ou indicadores.

Elas se sustentam, sobretudo, em confiança institucional.

Olhando para trás, reconhecemos que ainda há muito a aperfeiçoar. Sempre haverá.

Mas podemos afirmar, com serenidade, que o CCS de hoje é um Centro mais aberto ao diálogo, mais transparente, mais participativo e mais comprometido com a construção coletiva do que aquele que existia antes de chegarmos aqui.

E é a partir desse alicerce que queremos seguir construindo.

Nos próximos anos, continuaremos aprofundando este projeto coletivo.

Um projeto que está expresso no plano construído conjuntamente com nossa comunidade acadêmica e que tem como horizonte o “CCS no Século XXI: ciência, pessoas e propósitos”.

Ciência, porque acreditamos em uma formação de excelência, crítica, inovadora e profundamente conectada às necessidades reais da sociedade e do SUS.

Pessoas, porque compreendemos que nenhuma instituição é maior do que aqueles e aquelas que a constroem diariamente.

E propósitos, porque gestão pública precisa ter direção ética, compromisso social e coragem de enfrentar os desafios do nosso tempo.

Queremos avançar na integração entre ensino, pesquisa, extensão, serviços de saúde e comunidade.

Fortalecer as práticas interprofissionais.

Ampliar os espaços democráticos de planejamento institucional.

Construir um CCS mais acessível, mais acolhedor, mais sustentável e mais inclusivo. Já iniciamos a etapa de diagnóstico para construir ações com as pessoas envolvidas, liderado pelo nosso setor de apoio pedagógico.

Qualificar os espaços de convivência, infraestrutura e permanência.

Ampliar o diálogo com o HUSM, com a rede SUS e com os territórios.

Fortalecer a inovação, a internacionalização e a produção científica comprometida com as necessidades da população.

Mas, sobretudo, queremos seguir cuidando das pessoas que ensinam, aprendem, pesquisam e trabalham neste Centro.

Porque talvez uma das perguntas mais importantes para o futuro das universidades seja esta: que tipo de ambiente estamos produzindo para viver, trabalhar e formar pessoas?

Nós queremos um CCS capaz de produzir excelência sem produzir adoecimento.

Um espaço em que seja possível aprender sem violência institucional.

Trabalhar sem medo.

Participar sem silenciamento.

Construir coletivamente sem competição destrutiva.

Queremos um CCS onde a democracia não apareça apenas nos discursos, mas nas práticas cotidianas.

E sabemos que esse caminho não será construído apenas pela direção.

Ele continuará sendo construído coletivamente.

Com coragem para inovar.

Com maturidade para dialogar.

Com compromisso público.

E com a convicção profunda de que defender a universidade pública é defender o futuro do nosso país.

Por isso, cada gesto de construção coletiva importa.

Cada espaço de escuta importa.

Cada política de transparência importa.

Cada decisão compartilhada importa.

Porque são essas pequenas e grandes escolhas institucionais que definem o tipo de universidade que deixaremos para as próximas gerações.

Recentemente, em um momento simbólico de confraternização do nosso Centro, utilizamos a imagem do girassol como metáfora daquilo que desejamos ser como comunidade acadêmica.

O girassol é uma planta que aprende a procurar a luz.
E mesmo quando o sol desaparece temporariamente, ele guarda em si a memória da direção do brilho.

Acho que essa imagem diz muito sobre o CCS que estamos construindo.

Porque também nós, em diferentes momentos, precisamos seguir procurando luz:

luz para defender a universidade pública;
luz para sustentar a ciência em tempos difíceis;
luz para continuar formando profissionais comprometidos com a vida,
com o SUS e com a democracia.

Naquele encontro, lembrávamos que um campo de girassóis só existe porque nenhuma flor floresce sozinha.

E talvez essa seja uma das imagens mais bonitas para definir o nosso Centro.

Há quem sustente silenciosamente as raízes.

Há quem mantenha estruturas de pé.

Há quem irradie criatividade, afeto e inovação.

Há quem traga novas perguntas, novas inquietações, novos sonhos.

E é justamente essa diversidade que nos permite continuar florescendo coletivamente.

Antes de concluir, permitam-me um agradecimento muito pessoal.

Quem ocupa uma função de direção sabe que nenhum mandato é exercido apenas durante o expediente. A gestão invade os fins de semana, atravessa as noites, ocupa os pensamentos, interrompe momentos de descanso e, muitas vezes, exige escolhas difíceis.

Por isso, quero agradecer à minha família.

Àqueles que compreenderam minhas ausências quando o dever me chamava. Que dividiram comigo as preocupações, as alegrias e também as incertezas que fazem parte da responsabilidade de dirigir um Centro como o nosso.

Obrigada pelo amor, pela paciência, pela escuta, pelo incentivo e pelo apoio incondicional. Vocês foram meu porto seguro quando os dias pareciam mais pesados e a lembrança permanente do motivo pelo qual vale a pena dedicar a vida ao serviço público.

Se hoje renovo este compromisso com o Centro de Ciências da Saúde, faço isso porque sei que nunca caminhei sozinha.

Também quero agradecer a todos os colegas que, ao longo destes anos, confiaram, dialogaram, discordaram quando foi necessário e caminharam conosco. A democracia se fortalece exatamente assim: quando pessoas diferentes escolhem construir um projeto comum.

É essa confiança que levo comigo para este novo mandato.

"Se um campo de girassóis só floresce porque cada flor encontra sustentação nas demais, também uma direção só floresce quando é sustentada por uma comunidade e por uma família. Eu tive o privilégio de contar com ambas. E é com essa força, feita de afeto, confiança e trabalho coletivo, que inicio este novo mandato."¶

Finalizamos reafirmando algo que acreditamos profundamente:

Nenhuma gestão transforma uma instituição sozinha.

Mas comunidades inteiras podem transformar realidades quando escolhem construir juntas.

Que sigamos, como os girassóis, movendo-nos em direção à luz — não por ingenuidade, mas por compromisso; não por romantismo, mas por esperança ativa; não apenas porque desejamos um futuro melhor, mas porque decidimos construí-lo coletivamente.

O prof William e eu agradecemos pela confiança.

Seguiremos juntos e juntas, construindo um CCS do século XXI — com ciência, pessoas e propósitos.